**Aluno: Diego Brian Coelho Leite**

**Matrícula: 14/0136371**

**Resumo do capítulo “O estudo de caso etnográfico” do livro “Etnografia da Prática Escolar” de Marli Eliza D.A. de André.**

Este capítulo analisa as possibilidades e os limites da metodologia de estudo de caso etnográfico para uma investigação sistemática das situações do cotidiano escolar.

**Quando e para que usar o estudo de caso etnográfico**

A decisão sobre quando e para que se deve usar o estudo de caso etnográfico e não outra estratégia de pesquisa depende naturalmente daquilo que o pesquisador quer saber, isto é, do problema que ele definiu e das questões às quais ele quer responder. Sintetizando ideias de vários autores, podemos dizer que o estudo de caso etnográfico deve ser usado: (1) quando se está interessado numa instância em particular, isto é, numa determinada instituição, numa pessoa ou num específico programa ou currículo; (2) quando se deseja conhecer profundamente essa instância particular em sua complexidade e em sua totalidade; (3) quando se estiver mais interessado naquilo que está ocorrendo e em como está ocorrendo do que nos seus resultados; (4) quando se busca descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno; e (5) quando se quer retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural.

**Vantagens e limites do estudo de caso etnográfico**

Uma das vantagens do estudo de caso geralmente mencionadas é a possibilidade de fornecer uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis. Outra vantagem é sua capacidade de retratar situações vivas do dia a dia escolar, sem prejuízo de sua complexidade e de sua dinâmica natural. Além disso tem-se a vantagem de que no estudo de caso o pesquisador não parte de um esquema teórico fechado, que limite suas interpretações e impeça a descoberta de novas relações. Outra qualidade usualmente atribuída ao estudo de caso é o seu potencial de contribuição aos problemas da prática educacional.

É preciso, no entanto, não esquecer que da mesma forma que eles podem ajudar a implementar mudanças que para certas pessoas significam melhoria e aperfeiçoamento, para outras podem significar prejuízo e retrocesso. Um outro ponto importante quando se trata das contribuições do estudo de caso é sua forte dependência da capacidade, da sensibilidade e do preparo do pesquisador. Outro aspecto bastante importante na consideração dos estudos de caso etnográficos são os problemas éticos geralmente presentes nesse tipo de pesquisa.

**Validade, fidedignidade e generalização no estudo de caso etnográfico**

Como é possível, dentro das condições de trabalho do pesquisador brasileiro realizar um tipo de estudo que requer permanência longa e concentrada em campo e uma intensa imersão nos dados? Como conciliar as exigências da prática da pesquisa com as demandas da atividade profissional diária? Nesse tipo de pesquisa os conceitos de validade e fidedignidade não devem ser vistos do mesmo modo que no modelo científico convencional. O conceito usual de fidedignidade envolve o confronto ou a relação entre os eventos e a sua representação, de modo que diferentes pesquisadores possam chegar às mesmas representações dos mesmos eventos.

Uma das implicações de realizar o trabalho de campo num período concentrado de tempo é que o pesquisador tenderá a complementar os dados de observação com os de entrevista. A garantia de controle do conteúdo e da divulgação dos dados pelo informante, no entanto, pode significar mutilação de parte substantiva do estudo. Eis aí uma questão ética bastante delicada. Quanto à generalização, Stake considera que os estudos de caso podem fornecer experiência vicária e tornam-se, assim, uma fonte de generalização naturalística. Lincoln e Guba usam o conceito de transferência em lugar de generalização.

**Qualidades do pesquisador**

O pesquisador precisa também conhecer as características e habilidades pessoais que serão necessárias para o desenvolvimento de um bom estudo de caso. Como no estudo de caso etnográfico o pesquisador é o principal instrumento de coleta e análise de dados, haverá momentos em que sua condição humana será altamente vantajosa, permitindo reagir imediatamente, fazer correções, descobrir novos horizontes. Da mesma maneira, como um instrumento humano, ele pode cometer erros, perder oportunidades, envolver-se demais em certas situações ou com certas pessoas. Saber lidar, pois, com os prós e contras de sua condição humana é o princípio geral inicial que o pesquisador deverá enfrentar.

Para desenvolver um estudo de caso “qualitativo”, o pesquisador precisa antes de tudo ter uma enorme tolerância à ambiguidade, isto é, saber conviver com as dúvidas e incertezas que são inerentes a essa abordagem de pesquisa. Não existem normas prontas sobre como proceder em cada situação específica, e os critérios para seguir essa ou aquela direção são geralmente muito pouco óbvios. É justamente essa estrutura flexível e aberta que torna o estudo de caso atrativo para muitos, principalmente para aqueles que se sentem à vontade diante do novo, do imprevisto, que gostam de trabalhar em condições pouco estruturadas e que aceitam o desafio do incerto, do impreciso. Da mesma maneira, o convívio com um esquema muito aberto de trabalho pode levar outros a se sentirem inseguros e até desestimulados.

Sensibilidade é outra característica frequentemente mencionada quando se fala nas qualidades necessárias ao pesquisador que escolhe a abordagem qualitativa. Ele precisa usar a sua sensibilidade especialmente no período de coleta de dados, quando deve estar atento às variáveis relacionadas ao ambiente físico, às pessoas, aos comportamentos, a todo contexto que está sendo estudado. Quando começa um trabalho de pesquisa, o pesquisador não pode deixar de lado os seus valores, as suas crenças e os seus princípios. No entanto, ele deve estar ciente deles e deve ser sensível a como eles afetam ou podem afetar os dados.

A empatia vem sendo apontada há muito como uma característica essencial dos pesquisadores que realizam trabalho de campo. Ela se constitui num dos princípios básicos da fenomenologia, que está nas raízes dos estudos qualitativos. Segundo esse princípio, o observador deve tentar se colocar no lugar do outro para tentar entender melhor o que está dizendo, sentindo, pensando. Para que seja criado esse ambiente de acolhimento por parte do entrevistador, ele precisa ser, sobretudo, uma pessoa que saiba ouvir.

Finalmente, há a habilidade de expressão escrita. Muitas vezes, o trabalho de campo é conduzido com todo cuidado, os dados obtidos são ricos, significativos, mas o pesquisador não consegue montar o caso, ou seja, não consegue pôr em palavras aquilo que observou, ouviu e sentiu. A grande questão que aparece ao final dessa discussão é a seguinte: Em que medida essas habilidades podem ser ensinadas ou aprendidas? Acredita-se que sim.